



D. LUIZI

Com a sua governação recta e justiceira, com a norma de bem servir o seu paiz, com a sua escrupulosa fidelidade aos preceitos da constituição que jurou manter e respeitar, tem sabido o monarcha portuguez grangear a estima do seu povo que se habituou a ver n'elle, não o chefe do estado orgulhoso e indifferente, mas o rei popular sempre prompto a honrar com a sua presença as festas do progresso sempre pressuroso em acudir a todos os templos onde o Trabalho fulge radiosamente como astro que assignalla com absoluto poderio a civilização da moderna sociedade.

Verdadeiramente um rei popular, o monarcha portuguez troca de boamente o conforto palaciano pelas occasiões de se misturar singellamente no concurso que acode ás verdadeiras festas modernas, áquellas cujo lusimento provem da perfeição das artes ou da luz deslumbrantissima das sciencias. Todas as phases de progresso por que Portugal tem passado n'estes ultimos tempos não foram inauguradas sem que a ellas presidisse o monarcha.

Elle associa-se gostosamente a esses sympathicos movimentos e o contentamento que reina nos seus vasallos predomina por egual no seu espirito banhado na doce consolação que um monarcha deve sentir quando o jubilo, a alegria e a gratidão irrompem do coração agradecido d'esse povo que o destino lhe deu para governar.

Gratissimas são para el-rei D. Luiz as manifestações de respeito e sympathia que lhe tributam. Calam profundamente na sua alma e são ellas que lhe suavizam as agruras na sua espinhosa missão de reinar, hoje especialmente que é moda accusar o chefe do estado de quantos erros politicos commette em seu nome, o seu governo. Ultimamente não tem sido poupados os doctos contra este monarcha bondoso, cujo unico desejo é o bem estar do seu povo, mas a vingança que elle toma de tantas invectivas é a mais não poder ser nobilissima; é essa a que os espiritos superiores se soccorrem quando as torpesas vingam finalmente



enojal-os.

A's injurias responde elle com beneficios. Ainda o vituperio não tem tempo de estender a sua nefasta influencia, e já elle o soffoca n'um rasgo generoso e nobilissimo, n'um beneficio digno d'um grande rei, por isso mesmo que a sua mão generosa se estende

modestamente como que envergonhada dos agradecimentos que não pretendia e que não pôde evitar.

A affabilidade é tambem uma das brilhantes qualidades que exornam a bella alma de D. Luiz I. Ninguem d'elle se acerca que se não despeça gratissimamente impressionado pelas palavras que lhe ouviu, pelo gracioso acolhimento que lhe foi feito. Tem D. Luiz o segredo de captivar: saem-lhe as palavras repassadas da maior sinceridade, dignas, sem as pompas do estylo estudado e antes traduzindo na sua cara a simplicidade, a impressão sentida. Ante essa recepção cordealissima desabam malquerenças, antipathias. É pena é que se não approximem do monarcha esses que tão levanamente ou vilmente o apreciam. Era preciso que a lepra da torpesa os tivesse totalmente contaminado para não lhes chegar a conversão ante as palavras sinceras e leaes d'esse homem, que n'um paiz de menos egoismos seria apontado como modelo de chefes de estado, como o prototypo de monarchas constitucionaes!

Muitas associações humanitarias ou de identicos fins civilisadores contam no seu gremio o monarcha portuguez.

A presidencia que lhe foi offerecida accitou-a elle pressurosamente e é de ver o interesse que lhe despertou esse gremio que honrou com o seu nome e não poucas vezes com a sua protecção!

N'esse numero orgulha-se de ter tal honra a Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto. A esta, especialmente, dedica el-rei predilecção especial. O brioso commandante d'este grupo generoso é distinguido sempre de modo a tradusir não pequena sympathia e el-rei não perde nunca o ensejo de lhe patentear quanto se interessa por essa Associação cujos serviços assignalados aprecia e exalta toda a vez que a occasião se lhe proporciona, como ainda ultimamente aconteceu quando, por suas mãos, agraciou o benemerito voluntario n.º 12, Abel Felgueiras.

Em compensação tem el-rei na Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto um grupo de vassallos leaes e respeitosos, um nucleo de sympathias que se estendem a toda a real familia portuguesa. Ali faz-se justiça ao nobre caracter d'el-rei a quem gostosamente consagramos estas linhas como homenagem da nossa sympathia, como preito leal, como prova da nossa lealdade, tanto mais sincera que d'elle não pretendemos graças nem recompensas.

Era precisa esta ultima confissão para que os *pessimistas* não vissem servilismo n'estas linhas onde ha apenas a exposição humilde de convicções que tem um merito raro — serem convicções.

A redacção.

VIANNA DO CASTELLO 6 DE JULHO DE 1883

Por ser no dia 25 de junho o 2.º anniversario da definitiva e legal installação da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, festejou a referida associação esse anniversario no primeiro dia santo que se seguiu ao dia 25, que foi o dia 29.

Durante este dia conservou-se a casa da Associação exposta ao publico, sendo visitada por centenas de pessoas de todas as classes da sociedade.

Na cocheira estava, como de costume, todo o material de incendios, disposto em duas unicas viaturas,

e prompto para sair, tirado á mão, ao primeiro toque de fogo. Ultimamente foram introduzidas algumas modificações, e vão ser feitas outras, no material, em ordem a accommodar-se tudo o melhor possivel nas duas viaturas, conservando-lhes as suas boas condições de tracção. — Na bomba, que já se acha concluida, e que sae sempre com o respectivo *break*, foi disposto o material indispensavel para o primeiro ataque, por ser ella a primeira viatura que sae ao toque de incendio. Assim ella vae guarnecida com 120 metros de mangueira de lona, com uma escada *à crochets*, com uma duzia de baldes de lona, com uma corda de salvacção, com a mangueira de salvacção, de 16 metros de comprimento, podendo servir para salvar vidas de um 2.º, de um 3.º e de um 4.º andar, com dois machados, dois ferros do monte, um sacco de archotes, duas lanternas de reconhecimento, que são as mesmas lanternas da viatura, uma ambulancia provida de todo o necessario para os primeiros socorros aos feridos e asphixiados, e dois equipamentos completos (capacete, cinto com machado, e espia) para os commandantes. Todo este material vae disposto por forma que, chegada ao local onde deve trabalhar, a bomba pôde ser immediatamente desmontada sem necessidade de a alliviar primeiro, nem de lhe tirar o *break*. Como a cidade é pouco accidentada e a casa da Associação se acha n'um ponto dominante, tendo de descer (posto que suavemente) para quasi todos os pontos da mesma cidade, pode a bomba ser tirada sem difficuldade pela sua propria guarnição, que se compõe de 4 bombeiros, além do respectivo 2.º patrão e aspirante. A bomba pode tambem sair (para fóra da cidade) tirada a cavallo, levandoentão toda a sua guarnição, á excepção do aspirante, montada no *break* e deixando de levar os dois equipamentos dos commandantes, que n'este caso saem já fardados e equipados.

O resto do material — escada de lanços, outra escada *à crochets*, macas, enxadas, pás, gadanhos, bicheiros, desforradores, baldes de zinco, cestos, f.ros de assento, serrotes, machados grandes, picaretas, escada de corda, trados, verrumas, pregos de diferentes tamanhos, martello, mais archotes, etc., vae tudo no carro respectivo, que tambem é tirado á mão pela propria guarnição, composta, como a da bomba, de 4 praças (denominados *sapatores*) além dos respectivos graduados. N'este carro, que tambem tem a disposição propria para poder ser tirado a cavallo, vão ser feitas algumas modificações em ordem a poder conduzir, quando tiver de sair para longe, toda a sua guarnição montada sobre elle, e a accommodar melhor todo o material que ultimamente se tem adquirido.

Na sala contigua á cocheira, sala que serve de arrecadação do fardamento e equipamento de todas as praças da corporação, achavam-se dispostos tres trophes sendo um ao fundo constituido por diferentes peças do material do bombeiro, e dois aos lados formados de espadas, floretes, pistolas e competentes mascaras e luvas, por ser esta tambem a sala de armas da Associação.

Segue-se a sala do club, que se achava singella e elegantemente adornada, e na qual foi n'este dia inaugurado o retrato do commandante, mandado fazer pela corporação e por ella delicadamente offerecido ao mesmo commandante.

Na ultima sala, que serve de secretaria, foi tambem inaugurado o retrato do commandante honorario, primeiro commandante que teve a corporação e que hoje se acha na India, o sr. Randolpho Rosmiro Corrêa

Mendes, retrato que foi feito e offerecido á associação por um socio protector.

A' noite illuminou-se toda a frente do edificio e a rua em que está situado, e tocou em um coreto a excellente banda de infantaria 3, generosamente cedida pelo seu digno commandante, socio honorario da associação.

Foi tocado pela primeira vez o novo hymno da associação, composto pelo regente da mesma banda o sr. Fernandes, para o qual foi feita a letra por um sympathico poeta d'esta terra, que encobre modestamente o seu nome sob o pseudonymo de Gil.

A concorrência de pessoas, tanto á noite á illuminação, como durante o dia a visitar o material e a casa da associação, foi enorme, parecendo que todos ficaram satisfeitos com o estado em que encontraram este importantissimo serviço.

No domingo, 1.º de julho, teve a corporação exercicio das 7 ás 9 horas da manhã, n'um predio de quatro andares junto ao caes, trabalhando com agua tirada do rio com o absorvo.

A associação trabalha agora para montar aqui uma secção especial de serviço de soccorros a naufragos, para a qual já possui a quantia de 2:300\$000 réis, sendo 1:500\$000 votado pelo parlamento e réis 500\$000 obtidos por uma subscrição n'esta cidade, e 300\$000 réis de uma subscrição promovida no Porto pelo secretario da associação, o sr. Caldeira. Está-se á espera de uns esclarecimentos do Havre para se fazerem as encomendas do material, e vae-se elaborar o projecto da casa para a arrecadação do barco e mais aprestos. A direcção, que conta entre os seus membros um distincto official superior da armada, espera montar este serviço com toda a ordem e regularidade que elle reclama para ser efficaç.

D.

A ponteira Haley

Parece ter tido recentemente grande aceitação, a ponteira de redução, que já ha alguns annos varias companhias de bombeiros adoptaram para as agulhetas das suas machinas, em vista da modificação n'ellas introduzida recentemente pelo inventor Haley.

Como é sabido, por meio d'estas ponteiras, pode o bombeiro, não só reduzir ou augmentar o volume do jacto d'agua, como interceptal-o completamente. O processo é simples, rapido e efficaç, cortando-se a corrente d'agua immediatamente, apenas com um ligeiro movimento rotatorio da mão, ou reduzindo o diametro do jacto, conforme se desejar.

O melhoramento agora introduzido por Haley consiste unicamente na collocação do aparelho de redução; isto é, um pouco mais distante do orificio de sahida da ponteira, o que, d'esta forma, dá margem a que haja um espaço livre maior e lizo para a passagem do liquido, de maneira que, depois que o volume d'agua é interceptado para se obter a redução, fica ainda espaço para que, entre aquelle ponto e o de emissão, a corrente d'agua forme outra vez um jacto solido e compacto.

Este melhoramento é portanto vantagem adquirida sobre o antigo systema, e por certo encontrará boa aceitação.

Com esta ponteira pode facilmente o bombeiro attingir mais distancias com o jacto d'agua, sem ter necessidade de desatarraxar a ponteira para a substituir por outra de menor calibre.

Entre nós as ponteiras de redução não estão em uso, e que nos conste, só a corporação de bombeiros voluntarios do Porto e aquellas que sob sua direcção e influencia tem sido organisadas, fazem uso de ponteiras de diversos calibres, para serem empregadas conforme as exigencias e necessidades do serviço que tiverem a desempenhar; mas maior melhoramento e vantagem será, se as substituirem pela ponteira Haley, não só porque com uma unica ponteira, poderão obter o mesmo resultado, mas porque alcançarão uma economica de tempo e trabalho, vantagem sempre aproveitavel para o bombeiro.

A opinião dos practicos e os resultados já obtidos, são as unicas circumstancias que imperaram no nosso espirito para nos pronunciarmos a favor d'este invento, porque é e será sempre nosso intuito, advogar tudo quanto seja tendente a aperfeçoar o importante ramo do serviço de extincção de incendios.

De mais, hoje que já entre nós se vae ganhando gosto pelo serviço de incendios e que varias pessoas dedicam a sua intelligencia e illustração ao estudo d'este especialidade e se interessam para que o bombeiro proceda com criterio, discernimento e acerto nas manobras que tem a executar, elevando-se por conseguinte cada vez mais no conceito publico, não vem fóra de proposito, que, sobre as ponteiras da redução, façamos algumas considerações, afim de mostrar a sua grande vantagem e imprescindivel necessidade para aquelles que desejarem que as suas corporações se approximem o mais possivel da perfect blidade que tanto é para ambicionar n'essas collectividades.

Como já acima fica dito, entre nós não se tem procurado graduar o jacto d'agua conforme as proporções da extensão ou violencia do incendio, local ou circumstancias em que se encontra. Que o incendio seja de grandes ou pequenas dimensões, que o estrago causado pela grande porção de agua seja superior ao prejuizo feito pelas chammias, pouco importa! O volume d'agua lançado sobre as materias em combustão é sempre o mesmo, o que é nada mais, nem menos, do que um erro crasso que commete o bombeiro, porque o jacto d'agua deve ser regulado em harmonia com as proporções do incendio e a localidade onde se manifesta.

O bombeiro, pelo contrario, deve ter discernimento bastante e sufficiente conhecimento da sua profissão para saber a quantidade d'agua que deve empregar e como applical-a, afim de que, com a menor porção e menos estrago, possa obter o desejado resultado, que é a extincção das chammias, tendo em vista economia de tempo, de agua e de prejuizo.

Ora, com as agulhetas que actualmente estão em serviço nas bombas e que só tem uma ponteira, que não é susceptivel de augmentar ou diminuir o volume d'agua que por ella é expellido, impossivel se torna ao nosso bombeiro, o poder pôr em practica o que acima levamos dito e consequentemente deixa o serviço, que aliás presta com tão boa vontade e dedicação e muitas vezes com risco de vida, de ser tão proficuo e regular como devêra sel-o.

A companhia municipal, hoje dirigida por uma pessoa de intelligencia e illustração pouco vulgares, precisa olhar para todas as minudencias e conhecer todos os segredos d'esta profissão, que tem todo o di-

reito a ser considerada uma sciencia e das não menos importantes; do contrario estacionará sempre no ponto de partida e nós queremos vel-a avançar ao lado das primeiras, que hoje nos servem de modelo. Tem todas as condições para isso — um chefe intelligente e illustrado, como já dissemos por varias vezes, e além d'isso, um pessoal na sua maioria dedicado, corajoso, de facil comprehensão e animado da melhor vontade para bem desempenhar o seu dever. Assim como o medico, o advogado, o engenheiro, o industrial, o commerciante etc. estudam a especialidade da sua profissão e procuram melhora-la, adoptando todos os melhoramentos e normas conhecidas para engrandecel-a e inventando ou criando outros meios, tendentes ao mesmo fim, assim não só os chefes das corporações de bombeiros, mas todos aquelles que d'ellas fazem parte, deverão procurar dedicar-se ao seu mester com o maximo empenho e estudo.

O bombeiro d'hoje differe muito do bombeiro de outros tempos. Antigamente era elle desconhecido, desprezado até, entre nós; porém, hoje, devido ao grande impulso dado pela corporação de bombeiros voluntarios do Porto, com a sua inauguração, desde, 1875, até agora, a sua feição e posição mudaram completamente. Isto não é uma ficção; é uma realidade. Todos a conhecem e tem seguido passo a passo a progressiva consideração e o muito respeito que hoje todos tributam a essa nobilissima classe.

Haja vista as festas por elles promovidos; os apelos por elles dirigidos á generosidade do publico para occorrerem ás suas necessidades e ás desgraças e calamidades publicas e particulares; o respeito e a consternação de todos quando presenciam o sahimento de um heroe, que os seus briosos camaradas acompanham á sua ultima morada, e verão com que affluencia todos concorrem a auxiliá-los e a partilhar da sua alegria ou da sua dôr.

Ora, justamente porque o bombeiro d'hoje differe muitissimo do bombeiro de outros tempos e essa differença está precisamente a seu favor em grande escala, razão tambem para que o publico, que já agora pensa mais n'elle, o segue mais de perto e se habituou a confrontar e a avaliar o seu trabalho, merecimento e utilidade, exija muitissimo mais do que antigamente e o bombeiro se exerce, pela sua parte, a responder a tão justa expectativa.

Para que tal se consiga, é necessario muito estudo e dedicação, que nós não cessaremos de aconselhar, procurando tanto quanto possamos, familiarisá-lo com todos os inventos, melhoramentos e segredos da arte, que vierem ao nosso conhecimento.

Agradecimento

Eu, abaixo assignado, ainda convalescente dos graves ferimentos que recebi por occasião do desastroso incendio da rua de S. João, em 21 de maio, venho, com o mais profundo reconhecimento e gratidão, a este lugar agradecer penhoradissimo a todas as pessoas que procuraram saber do meu estado e ás que me prestaram seus muito valiosos serviços, não só na occasião de tão lamentavel desastre, como tambem durante o tempo que estive prostrado no leito, sentindo não ter palavras com que possa bem traduzir todo o meu reconhecimento.

A' digna corporação dos bombeiros voluntarios, á arrojada corporação de bombeiros municipaes de Villa Nova de Gaya e aos meus intrepididos camaradas da companhia de bombeiros municipaes do Porto — um aperto de mão pelas provas de boa camaradagem e pelo interesse que mostraram pelo meu estado de saude.

Não devo, porém, deixar de especialisar o exc.^{mo} sr. dr. José Augusto Correia de Barros, dignissimo presidente da camara municipal, e o exc.^{mo} sr. Eduardo Augusto Falcão, inspector geral dos incendios, pelas visitas com que me honraram e pelo cuidado que lhes mereceu o meu estado de saude.

Ao exc.^{mo} sr. Vasco Ferreira Pinto Basto, meu bondoso e humanitario visinho, o qual, ao fazer-me conduzir a minha casa em tão lastimavel estado, se promptificava a mandar-me curar na Ordem Terceira de S. Francisco.

Ao exc.^{mo} sr. Antonio Mendes de Carvalho, que, logo que se deu o desastre e teve noticia de que eu era um dos feridos, veio pressuroso a minha casa prestar-me os seus valiosos serviços.

Ao exc.^{mo} sr. Antonio Dias Ribeiro, que, no momento em que se deu a catastrophe, se abeirou de mim, prestando-me os primeiros soccorros e acompanhando-me a minha casa.

Aos exc.^{mos} srs. drs. Mendes Correia e José Joaquim Ferreira, distinctos clinicos que me trataram, o meu maior reconhecimento pelo desvelo com que me prestaram os seus valiosos recursos medicos.

A todos, finalmente, o meu mais profundo agradecimento e toda a gratidão da minha alma reconhecida por tão assignalados obsequios.

Porto, 15 de julho de 1883.

José Luiz da Silva e Costa,

1.^o patrão da companhia dos incendios do Porto.

Acto de heroismo

E' com indizível satisfação que tornamos publico o acto de heroismo praticado esta manhã em S. João da Foz, pelas 9 horas, por um dos bombeiros voluntarios pertencentes á bomba n.^o 2 da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, o sr. Rodrigo Guedes.

Foi o caso, que, tendo o sr. Frederico Berg, subdito allemão que actualmente se acha n'esta cidade a negocio, ido tomar banho á Foz, distanciou-se da praia mais do que devia, e como n'esse dia a corrente fosse fortissima, arrastou para fóra o imprudente nadador, que segundo mostrou, é pouco perito em natação, vendo-se dentro em pouco forçado a gritar por soccorro, por já estar exaustado de forças e não poder vencer a corrente.

Como cada vez se distanciasse mais e não houvesse alli boia de salvação, como era costume antigamente, e as muitas pessoas que estacionavam na praia gritassem por soccorro, appareceu esse arrojado e benemerito bombeiro voluntario, que se arrojou desdestinadamente ao mar quasi vestido, pois que, só teve tempo de tirar o cazaco e collete, do contrario não

poderia chegar a tempo de arrancar a uma morte certa aquelle infeliz.

Felizmente, conhecedor de todos os segredos da natção, possuidor do maior sangue frio e animado pela esperanza de que não seria infeliz na empra, pôde, não sem grave risco, deitar-lhe a mão e conduzi-lo para terra, no que foi depois tambem auxiliado por um bombeiro, e outras pessoas que de terra lhe estenderam uma longa vara, porque do enorme exforço que fizera para arrastar o infeliz e vencer a corrente estava já bastante extenuado de forças e por certo teria succumbido se não tivesse tanta robustez e agilidade.

Acções d'estas não carecem de elogios—o proprio louvor está no facto praticado, mas não podemos furtar-nos ao entusiasmo que nos domina dando ao sr. Rodrigo Guedes os nossos parabens pela dedicação e coragem com que procedeu acarreando para si tanta gloria, como para a corporação a que pertence.

E' com actos d'esta natureza que a Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto» corresponde ao honroso titulo que adoptou e affirma dia a dia a conveniencia e utilidade da sua existencia.

Emquanto esta aggremação possuir individuos que tão bem sabem cumprir a sua missão, hade encontrar sempre a protecção e o respeito de todos e nós que somos portuenses, orgulhamo-nos por ver que a mocidade d'hoje não está já toda prevertida e enervada e que alguma ha que ainda hoje possui o mesmo valor e dedicação heroica, que os nossos antepassados, cujos nomes formam a gloriosa epopeia de Portugal.

9 de julho

As tres corporações de bombeiros, voluntarios do Porto, municipaes do Porto e municipaes de Villa Nova de Gaya, tambem se incorporaram no prestito, que no dia 9 do corrente, a Associação Liberal organiou para commemorar a gloriosa entrada do exercito libertador n'esta cidade.

As tres corporações, commandadas pelo sr. inspector geral dos incendios, tendo á sua direita o commandante dos bombeiros de Gaya e á sua esquerda o commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, seguiam debaixo de forma, pela ordem seguinte:

Bombeiros e conductores de Gaya, bombeiros voluntarios do Porto, auxiliares e serventes; bombeiros municipaes e serventes.

A frente tocava a banda que pertenceu á corporação dos bombeiros voluntarios do Porto.

Agora algumas observações a este respeito, que nos parecem muito razoaveis, mas primeiro temos a elogiar os bombeiros pela maneira como se apresentaram, sendo inquestionavelmente o grupo que melhor se apresentou, não só pelo aspecto, como pela muita ordem e accio.

Não nos parece que a pessoa ou pessoas encarregadas da ordem de distribuição das diversas corporações que se promptificaram a formar o prestito, procedessem com acerto, e ouzaremos até dizer, que houve leviandade ou precipitação, porque proposito de desconsiderar estamos certos que o não houve, do contrario não teriam dado a primazia ás corporações aliás distinctas, mas que por serem de recreio, devem

ser consideradas inferiores áquellas cujo fim é a caridade, a abnegação, a philanthropia.

Os bombeiros, justamente porque tem direitos adquiridos á consideração de todos, não devem assim ser desatendidos e desconsiderados; e da parte d'elles está tambem não condescenderem tanto, a ponto de se verem preteridos e amesquinados, como já em outras solemnidades tem acontecido, nas quaes são destinados logares especiaes e de honra a nullidades, que nada significam na sociedade, além da importancia que a si propios se arrogam, emquanto que os bombeiros tinham de ficar de pé como guarda de honra a esses *grands seigneurs* de pechisbeque.

E' preciso, portanto, que os bombeiros se não facilitem tanto e se não conformarem tão resignadamente como tem acontecido até agora.

Indaguem primeiro em que condições são convidados e admittidos e quando ellas não convenham, não annuam tão facilmente, para evitarem d'estas e identicas desconsiderações.

Mercê Regia

No dia 10 do corrente, foram os bombeiros voluntarios do Porto, a convite de S. M. El-Rei D. Luiz I, ao palacio da Torre da Marca, porque Sua Magestade, tendo concedido ao bombeiro voluntario n.º 12, Abel Coutinho Felgueiras Ozorio a medalha de prata p. l.º heroico salvamento de sete tripulantes do hiato Grande Baptista, como em tempo noticiamos, quiz aproveitar a sua estada n'esta cidade para pessoalmente lhe fazer entrega da medalha e respectivo diploma.

El-rei, acompanhado do ministro da justiça, recebeu a corporação e direcção, cêrca das duas horas da tarde, pronunciando por essa occasião, o presidente da direcção, o sr. Manoel Vieira d'Andrade, um discurso, no qual agradeceu a S. Magestade a subida honra que acabava de conferir á corporação, não só convidando-a a vir á sua presença, mas agraciando um dos seus mais corajosos membros, distincção esta que nunca poderiam olvidar e de que se exforçariam sempre por se tornar dignos. Aproveitou tambem a occa para agradecer a El-Rei outras honrarias que já se tinha dignado conceder á corporação, como a do titulo de Real, a acceitação do cargo de presidente honorario e a condecoração da Ordem da Torre e Espada, conferida ao digno commandante, o sr. Guilherme Fernandes, pelos innumerados e arriscados serviços prestados á humanidade; e concluiu, fazendo votos pelo feliz regresso á capital de S. M. a Rainha e os Principes.

El-Rei dignou-se responder, que não era aos bombeiros voluntarios a quem era conferida uma honraria; mas sim a elle, a quem os bombeiros davam ensejo de ter a honra de poder premeiar um dos seus briosos camaradas.

Accrescentou, que elle não queria assegurar a existencia do seu throno com actos despoticos, como antigamente procedia a realza, obtendo pelo terror a lisonja e o respeito do povo; mas sim, confundindo-se com os que trabalham e que praticam actos de philanthropia e generosidade, conquistando o reconhecimento da patria e do Rei.

Terminou, agradecendo os votos que faziam pelo

feliz regresso á patria de S. M. a Rainha e os Principes, o que era mais uma prova da muita estima e interesse que os bombeiros voluntarios do Porto mostravam pela familia Real portugueza e respeito pelas instituições, do que já tinham dado por varias vezes sobejas provas, tornando-se por esse facto crêdores da sua estima.

Em seguida, fez-lhe entrega da medalha e do respectivo diploma e comprimntou affectuosamente a todos.

A' sahida da ante-camara, foi o agraciado cordalmente abraçado pelos seus camaradas e pelo nobre ministro da justiça, que tambem se dignou dirigir a todos palavras muitissimo lisonjeiras e com especialidade ao agraciado.

Como El-Rei se preparava para seguir para Mathosinhos a examinar o local onde será construido o porto de Leixões, a corporação esperou-o no atrio e á sua passagem o digno commandante ergueu vivas a Sua Magestade, que foram calorosa e entusiasticamente correspondidos por todos.

Os nossos parabens á briosa corporação e com especialidade ao seu digno socio, Abel Coutinho Felgueiras Ozorio.

Sujeito esquentado

Em um artigo escripto pelo dr. S. C. Woodman em um dos ultimos numeros de *Michigam medical News*, ácerca de um individuo que tem a qualidade originalissima e especial de produzir lume com o halito, lê-se o seguinte: este mancebo, que tem 27 annos, incendeia um lenço qualquer, por um simplissimó processo que consiste em esfregal-o vigorosamente com as mãos, proximo da bôca e bafejal-o ao mesmo tempo, de forma que as chammas irrompem em seguida e consomem-n'o totalmente.

Accrescenta que este individuo se sujeita ao mais rigoroso exame para que se não imagine que da sua parte existe a menor burla.

Relata mais que quando este individuo anda á caça e que lhe esquecem os phosphoros, juncta folhas sêccas, as quaes, deitando-se no chão, incendeia com o bafo, e junctando-lhe mais folhas e paus até fazer uma fogueira grande, enxuga a roupa ou faz a cosinha, conforme lhe apraz.

E' impossivel convencil-o a fazer esta operação mais do que duas duas vezes por dia, porque do esforço que emprega sobrem-lhe um abatimento geral extremo. Uma occasião, depois de ter incendiado um jornal, observou o dr. Woodman que elle tinha a pelle do craneo em violentas contracções, que denotavam grande excitação nervosa.

Não escolhe tambem hora, nem local para pôr em pratica este tão extraordinario predicado, sejam quaes forem as circumstancias em que se encontre; e tanto que o dr. Wordman, diz saber que repetidas vezes, depois de ter jantado, toma um golo d'agua na bôca e começando por burrificar o guardanapo, immediatamente o incendia. E' ignorante e diz que descobriu a primeira vez este extranho poder, quando, sem intenção alguma, exhalava e absorvia ar sobre um lenço perfumado que lhe ardeu repentinamente nas mãos.

A nós, parece-nos que este espirituoso dr. Woodman nos quer impingir n'este mancebo um digno êmullo do celebre e phantastico Baron Munchausen!

Nem outra cousa é de esperar da America, mãe-patria da *blague* excepcional.

Novas patentes d'invenção

Os paizes estrangeiros sempre fertes na apresentação de inventos de toda a natureza, não podiam deixar de o ser igualmente no que diz respeito a apparelhos e utensilios destinados ao combate do incendio em para melhor dizermos inherentes ao mester do bombeiro e á protecção da vida e da propriedade em caso de fogo.

E' por isso que com indizível satisfação, depuramos no registro das patentes de invenção com tres de diferentes auctores, o que nos prova que tão importante serviço continua a merecer a attenção d'aquelles cuja intelligencia e espirito inventivo lhe podem ser de utilidade e proveito.

As trez invenções a que alludimos, constam de uma escada domestica de salvação, por T. Hale, da cidade de Claydon; uma pára-fogo para theatro, por A. Clark, de Londres; varios petrechos applicaveis ao combate de incendios, por T. von Trotha, de Hecklingen.

Temos mais a noticiar os seguintes melhoramentos ultimamente introduzidos em alguns utensilios do serviço de incendios:

Abraçadeiras de aço com parafuzos para a ligação das junções metalicas aos tubos aspiradores, em substituição do arame de cobre, que em muitos cazos não é sufficiente para supportar a pressão da agua ou vedar completamente a entrada do ar.

Arame em aspiral para tubos de absorpção, composto de ferro ou aço, coberto a cobre por meio da electricidade, substituindo vantajosamente o antigo arame de ferro galvanizado e até preferivel ao arame inteiramente de cobre. Tem tambem a vantagem de ser mais forte, mais elastico e de tanta duração. E' devida esta invenção á já muito conhecida e acreditada casa Merryweather de Londres.

A *Glenfield Iron Company* tambem acaba de construir uma machina simplissimissima destinada a broquear a canalisação d'aguas das ruas para a desobstruir do deposito que costuma ganhar. Parece que esta machina logo que comece a tornar-se conhecida, terá grande procura, principalmente por parte d'aquelles chefes de companhias de incendios, desejosos de possuirem um bom fornecimento d'agua sob as melhores circumstancias.

EXCENTRICIDADE YANKEE OU PLACIDEZ ORIGINAL?

No mez passado achando-se alguns dos redactores de um jornal de New-York, em uma das salas da redacção no ultimo andar de um dos predios mais altos d'aquella cidade, sentiram perto da meia noute, o rumor causado pelo povo e bombas que se agglomeravam na rua em frente do predio.

Então um d'elles, dirigindo-se ao apparelho telephónico entre aquella redacção e a estação principal de policia, fez a seguinte extraordinaria pergunta: Ha fogo em nossa casa? «Não, foi a resposta immediata, um pequeno edificio na outra esquina.»

Era-lhe mais facil, mais seguro e mais expedito indagar, de uma pessoa a dois kilometros de distancia, que necessariamente devia ter recebido aviso da estação policial mais proxima, do que descer as escadas para se certificar do que acontecera.

Seria excentricidade, no que, na verdade, estes amigos excedem sem competencia os seus irmãos d'Albion, ou seria calculo premeditado com aquella fleugma e impassibilidade tão característica d'aquella raça? Não sabemos, e por isso os nossos leitores que tirem a conclusão que mais razoavel lhes pareça.

Em todo o caso é uma prova evidente das vantagens do telephone, e quem sabe se é um *reclame* do fabricante!

São de uma originalidade *sui generis* estes Yankees!

Os incendiarios no Japão

Em uma correspondencia de New-York lê-se o seguinte:

Sob o artigo 7 do Codigo Penal do Japão lêem-se as seguintes disposições concernentes a fogos postos e accidentaes:

— A todo aquelle que lançar fogo á casa de habitação de qualquer, será applicada a pena de morte.

— Todo aquelle que lançar fogo a casa desocupada ou outro qualquer edificio, será punido com desterro perpetuo.

— Aquelle que incendiar uma casa abandonada ou edificio contendo feno ou objectos de lavoura, será punido com trabalhos publicos forçados.

— Aquelle que lançar fogo a um barco ou carro contendo passageiros soffrerá a pena de morte. Se o barco ou carro estiver vazio, será o delinquente punido com trabalhos publicos forçados.

— Qualquer que lançar fogo a florestas, cearas, medas de palha ou de outras plantações, será punido com trabalhos publicos ligeiros.

— Todo aquelle que incendiar a sua propria casa será punido com severa reclusão, de dois mezes a dois annos.

— Todo aquelle que soffrer castigo por culpa leve, em consequencia do crime de incendio, será sujeito a observação, durante seis mezes e dois annos.

— Se qualquer accidentalmente lançar fogo ou queimar a casa ou propriedade d'outrem, será punido com multa de 2 a 20 annos.

— Se alguém lançar fogo a polvora ou outra qualquer materia explosiva, ou causar a explosão de caldeira a vapor e por esse facto causar prejuizo ou destruir casas e propriedades, será considerado como incendio intencional ou accidental, segundo as circumstancias.

Aqui, porém, succede o contrario. Apanham-n'os com a boca na botija ou cercados de provas mais que convincentes e mandam-n'os por em liberdade!

Que apprendam com os japonezes e verão que os grandes incendios, no Porto, pelo menos, diminuirão consideravelmente.

CHRONICA LITTERARIA, NOTICIOSA E THEATRAL

Por impedimento do redactor encarregado d'esta secção, somos forçados a retirar-a no presente numero, do que tomamos a devida venia aos nossos leitores.

ANNUNCIOS

Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, com casa de commissões á rua do Sé da Bandeira n.º 116, 1.º andar, encarregam-se do fornecimento de bombas e mais apparelhos contra incendios, proprios para companhias de bombeiros, fabricas, estabelecimentos publicos e casas particulares e promptificam-se igualmente a mandar a qualquer localidade pessoa habilitada para ensinar o uso e manejo d'esses apparelhos.

TYPOGRAPHIA

DE

ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO

Largo de S. Domingos, 74

PORTO

Esta typographia acaba de ser consideravelmente augmentada com uma grande variedade de tipos communs e de phantasia, das melhores fundições estrangei-



ras, bem como uma machina Minerva, executando com nitidez e promptidão todos os trabalhos concernentes á arte typographica.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	300 réis
Semestre	600 "
Anno	1\$200 "

(Estrangeiro)

Trimestre	500 réis
Semestre	1\$000 "
Anno	2\$000 "
Numero avulso	50 "

Redacção e administração rua do Mirante n.º 9.—Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.